

# TERTÚLIA LITERÁRIA DIALÓGICA: espaço de aprendizagem dialógica<sup>1</sup>

ROSELI RODRIGUES DE MELLO<sup>2</sup>

## Resumo

Apresenta os princípios de um programa de leitura para adultos em Barcelona, Espanha chamado Tertúlia Literária Dialógica, como uma atividade cultural e educativa desenvolvida a partir da leitura de livros da literatura clássica universal fazendo referências a episódios vividos e assistidos durante a pesquisa do programa em que os entrevistados comentam sobre uma das principais características do programa – o diálogo igualitário entre os participantes.

## Abstract

This article describes the principles of a reading program for adults in Barcelona, Spain, called La Tertulia Literaria Dialógica, as a cultural and educational activity developed through the reading of universal classic literature. The article makes reference to episodes experienced and witnessed during the research, of a program in which the interviewees comment on one of the program's principal features - egalitarian dialogue among the participants.

## Palavras-chave

Educação de adultos; Leitura; Interesse na Leitura.

<sup>1</sup> Pesquisa financiada pela FAPESP

<sup>2</sup>Pós-Doutora em Educação pela Universidade de Barcelona. Professora do Departamento de Metodologia de Ensino da Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR.  
E-mail: roseli@power.ufscar.br

## Key words

Adult Education; Reading; Interest in Reading.

A Tertúlia Literária Dialógica é uma atividade cultural e educativa desenvolvida a partir da leitura de livros da literatura clássica universal. A atividade está baseada no diálogo como gerador de aprendizagem. Não apresenta nenhum obstáculo social ou cultural para a participação: é uma atividade gratuita, aberta a todas as pessoas, de diferentes coletivos sociais e culturais, inclusive às pessoas que recém aprenderam a ler (MELLO,2002).

Na tertúlia literária dialógica não se pretende descobrir nem analisar aquilo que o autor ou autora de uma determinada obra quer dizer em seus textos, mas, sim, promover uma reflexão e um diálogo a partir das diferentes e possíveis interpretações que derivam de um mesmo texto.

Frente às práticas de exclusão social e cultural e, nelas, a de exclusão escolar, a crença a respeito de qual tipo de texto cada pessoa pode ou não pode ler mitifica a prática de leitura tornando-a prática distintiva. A escolarização e a especialidade passam a esconder e a sustentar discriminação por classe social, idade, grupo cultural, sexo.

Nascida na escola de educação de pessoas adultas de La Verneda de Sant-Martí (Espanha), a atividade é atualmente difundida pela Confederação de Federações e Associações de Participantes em Educação e Cultura Democrática de Pessoas Adultas (CONFAPEA), da Espanha, por meio do projeto “Mil y Una Tertúlias Literárias Dialógicas por Todo el Mundo”. A idéia é tomar a leitura como território de união de diferentes conhecimentos (os do mundo da vida e os do sistema), caminho construído entre homens e mulheres de diferentes idades, formação, procedência e etnias.

Desde outubro de 2002, homens e mulheres de São Carlos/SP, de diferentes idades, ascendências familiares, grupos sociais e graus de escolaridade se juntaram ao movimento internacional, em dois grupos de tertúlia literária dialógica realizados na Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI) de São Carlos/SP (ver BENTO et. al. 2003). As duas tertúlias da UATI fazem parte do programa de extensão universitária “Democratização do conhecimento e do acesso à escolaridade”, da Universidade Federal de São Carlos, vinculado ao Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq).

Apresento, neste texto, os princípios que ancoram a Tertúlia Literária Dialógica, bem como a dinâmica que lhe dá vida. Referências a episódios vividos e assistidos e a entrevistas realizadas durante pesquisa de pós-doutorado, financiada pela FAPESP (MELLO,2002), complementam a apresentação.

## Princípios e dinâmica das tertúlias literárias dialógicas

As tertúlias literárias dialógicas se ancoram no conceito de aprendizagem dialógica, conceito elaborado pelo Centro de Investigação Social e Educativa (CREA), da Universidade de Barcelona, e que diz respeito a uma maneira de conceber a aprendizagem. Tal conceito implica princípios que se articulam nas formulações teóricas para permitir descrever o que, na prática, se dá como uma unidade.

Dentre várias produções do CREA, os princípios da aprendizagem dialógica podem ser encontrados em Flecha (1997), Sanches Arouca (1999), Valls y Carol (2000), Elboj Saso (2001). São eles: diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, dimensão instrumental, criação de sentido, solidariedade e igualdade de diferenças.

O diálogo igualitário pressupõe que o encontro em sala de aula, ou em qualquer outro espaço educativo, ocorre entre sujeitos capazes de linguagem e ação. Assim, as diferentes manifestações são consideradas em função da validade dos argumentos, e não da posição de poder de uns sobre outros. A relação entre educador e educandos é então estabelecida em torno do que cada pessoa pode trazer à discussão e à aprendizagem de determinado tema - o que não implica o questionamento de conhecimentos estabelecidos, como aconteceria numa perspectiva construtivista, mas de considerar argumentos que se apoiam não apenas no mundo objetivo, como também no mundo social e no mundo subjetivo (como construção de intersubjetividades).

Assim, a dimensão instrumental da aprendizagem, ou seja, de acesso a um conhecimento sistematizado em conteúdos e habilidades acadêmicos, não é desprezada. Flecha esclarece que:

o dialógico não se opõe ao instrumental, mas sim à colonização tecnocrática da aprendizagem. É dizer, evita que os objetivos e procedimentos sejam decididos à margem das pessoas, protegendo-se atrás de razões de tipo técnico que escondem os interesses exclusivos de umas minorias (1997:33).

Tal pressuposição está ancorada no princípio de que todas as pessoas têm uma inteligência cultural, ou seja, têm as mesmas capacidades para participar em um diálogo igualitário, ainda que cada uma possa demonstrá-las em ambientes distintos (FLECHA, 1997:20). Esta inteligência se desenvolve segundo os contextos de inserção das pessoas, permitindo, portanto, reformulações constantes a partir das novas interações. Num ambiente em que se propõe o diálogo igualitário, cada qual apresenta seu argumento e ouve o dos demais, chegando-se a acordos e entendimentos nos âmbitos cognitivo, ético, estético e afetivo (FLECHA, *ibid.*).

Vivendo o processo de diálogo igualitário, com base na inteligência cultural, as pessoas vão podendo viver transformações pessoais quanto à sua auto-imagem e

à maneira de se porem no mundo, produzindo transformações nas relações estabelecidas em seu entorno imediato e podendo chegar a se envolver em movimentos mais amplos pela transformação social e cultural.

Assim, a solidariedade surge como princípio decorrente dos anteriores. Este princípio encontra-se nas tertúlias literárias dialógicas, já de partida, na solidariedade de condutores da atividade com as pessoas em situação de exclusão, priorizando-se sempre a sua participação. Isto se garante desde a gratuidade da atividade, até o apoio a que pessoas que têm vergonha possam expor suas idéias e serem respeitadas nesta exposição. Não se busca impor a própria verdade, mas promover a aprendizagem conjunta entre todos. Destas relações de respeito e solidariedade nos encontros vão nascendo ações de solidariedade com a comunidade mais ampla.

Deste processo, surge a criação de sentido, como possibilidade de sonhar e agir, dando sentido à própria existência. Ao se unirem, no processo de aprendizagem, conhecimento vindo das instituições que estruturam a sociedade moderna (escola, ciência, literatura etc.) e conhecimento vindo do mundo da vida, proporciona-se um enriquecimento mútuo a esses dois âmbitos da existência humana. Permite-se a integração do cognitivo, do ético, do estético e do afetivo, superando-se a sensação de desilusão e fragmentação trazida pela crescente necessidade de se mover e de escolher na atual sociedade, sob a pressão dos muitos riscos que temos de enfrentar. Trata-se da criação de sentido que se dá em torno da vida coletiva, embora beneficie diretamente a vida pessoal.

Por fim, a aprendizagem dialógica supõe e cultiva a igualdade de diferenças, como “o mesmo direito de cada pessoa de viver de forma diferente” (FLECHA, 1997:42). Tal proposição supera tanto a concepção homogeneizante de igualdade, como a concepção relativista de diferença – “quando se expõe à diferença separada da igualdade, geram-se desigualdades” (FLECHA, *ibid.*). As pessoas têm garantido o igual direito a expor suas idéias e argumentar, não se pretendendo uma homogeneização de opiniões e pontos de vista, mas o conhecimento de diferentes perspectivas e a potencialização de processos reflexivos.

Vale aqui mencionar o que explica Flecha, ao diferenciar a perspectiva dialógica de aprendizagem das predominantes em educação. Flecha indica que na perspectiva objetivista a importância de um conteúdo é independente do alunado e as capacidades exigidas do professorado são o conhecimento da matéria e a habilidade metodológica para ensiná-la. Quanto ao construtivismo, o importante não é o ensino feito pelo professorado, mas a aprendizagem do alunado, os diferentes significados que os estudantes constroem a partir de uma mesma explicação, esperando-se do/a professor/a que investigue os diferentes processos de formação de significados e as intervenções que os melhorem (FLECHA, 1997:43). E conclui:

A concepção dialógica engloba e supera a concepção construtivista realizando uma precisão importante: o processo de formação de significado não depende apenas da intervenção de profissionais da educação, senão do conjunto de pessoas e contextos relacionados com as aprendizagens do alunado.

Quanto à dinâmica da atividade, Flecha assim sintetiza a tertúlia literária:

A tertúlia literária se reúne em sessão semanal de duas horas. Decide-se conjuntamente o livro e a parte a comentar em cada próxima reunião. Todas as pessoas lêem, refletem e conversam com familiares e amigos durante a semana. Cada uma traz um fragmento eleito para ler em voz alta e explicar por qual razão lhe há resultado especialmente significativo. O diálogo se vai construindo a partir dessas contribuições. Os debates entre diferentes opiniões se resolvem apenas através de argumentos. Se todo o grupo chega a um acordo, ele se estabelece como a interpretação provisoriamente verdadeira. Caso não se chegue a um consenso, cada pessoa ou subgrupo mantém sua própria postura; não há ninguém que, por sua posição de poder, explique a concepção certa e a errônea (1997:17-18).

Referindo-se à obra de Flecha e a uma publicação interna da escola da Verneda de Sant-Martí, Norma, a pessoa que conduzia a atividade, em 2002, junto ao grupo que deu origem à Tertúlia Literária Dialógica, na escola de La Verneda de Sant-Martí, indica elementos que garantem a frequência dos participantes as atividades:

Aqui na tertúlia, algo muito importante é garantir algumas condições: que seja sempre no mesmo horário, tenha a mesma duração e seja no mesmo espaço físico, pois que se garantam, assim, condições de continuidade e estabilidade da atividade.

O referido grupo, acompanhado e dezembro de 2001 a junho de 2002, como parte da pesquisa de pós-doutorado por mim realizada, respeita esses elementos, reunindo-se às segundas-feiras, das dezenove horas e quarenta e cinco minutos as vinte e uma horas e quarenta e cinco minutos, na sala sete da escola de educação de pessoas adultas da Verneda de Sant-Martí. No grupo, eram aproximadamente 40 pessoas, com idades que variavam entre vinte e oitenta anos, estando a maioria com mais de cinquenta anos. Muitos desses participantes integram a tertúlia há bastante tempo, como é o caso de Carmen, que foi entrevistada. Porém, alguns - quase dez pessoas - começavam a participar da atividade em 2002. Por sua vez, Norma o conduzia há mais de sete anos.

No período em que a pesquisa foi desenvolvida, foi decidido entre os participantes que se leria 'Rayuela', de Cortázar, e 'El café de Qushtumar', de Nagib Mahfuz. Quem desejava, destacava algum parágrafo dos capítulos lidos, para comentar com o grupo, e a partir daí estabelecia-se um diálogo em torno de temas retirados do livro, no qual diferentes perspectivas eram expostas. A mediação feita por Norma garantia que todas as opiniões fossem escutadas com respeito e debatidas a partir de valores humanitários. As dúvidas sobre literatura, história, geografia, política, filosofia etc., que iam surgindo a partir da leitura, iam sendo apresentadas e também pesquisadas pelas pessoas que compõem o grupo. Norma explica a aprendizagem dialógica que aí ocorre:

a gente se dá conta de que se chega até grandes máximos de aprendizagem sem se fazer uma aula de tipo magistral, e isto dá muita felicidade. A aprendizagem é bastante intensa entre todas as pessoas e, na relação, as pessoas se relacionam diretamente, sem precisar ficar pensando ou marcando diferença entre quem tem maior ou menor grau de escolaridade. Aqui

somos todos iguais e todos nós nos manifestamos em pé de igualdade, então se aprende muitíssimo. Cada pessoa se motiva a buscar informação via Internet, perguntando para alguém, buscando em outros livros e essa grande capacidade de aprendizagem que a tertúlia proporciona dá uma satisfação enorme. O fato de cada um experimentar até que ponto se pode aprender (e é muito mais do que cada pessoa pensa que pode), enriquece muito a possibilidade de aprendizagem. Também se aprende como o ponto de vista de cada um enriquece a todos, porque cada pessoa parte de seu próprio ponto de vista, quando chega e, ao sair da tertúlia, essa visão está muito transformada, ampliada, incluindo-se aqui a pessoa que conduz a atividade, pois você aprende igualmente.

Sobre o estabelecimento do direito à igualdade de diferenças que se cultiva nas tertúlias, excerto de “Compartiendo Palabras” é bastante significativo para entender o que se constrói através de acordos:

Não há apenas igualdade formal, mas também, por exemplo, igual direito à fala. Também se desenvolvem continuamente atuações para assegurar que essa pretendida equidade seja cada vez mais real, ao evitar-se que uma pessoa intervenha dez vezes ou mais em uma sessão e outra não consiga nunca tomar a palavra.

O grupo estabeleceu normas para superar dificuldades que iam surgindo. Durante uma época houve uma desigual freqüência de intervenções, já que algumas pessoas monopolizavam a conversação e outras nunca falavam. Decidiram que cada participante escolheria um fragmento do livro e o leria em voz alta introduzindo seu comentário. Propôs-se que outra pessoa (usualmente Goyo ou Norma) fosse a mediadora.

Norma explica como os princípios da aprendizagem dialógica apresentam-se na tertúlia e como ela mesma foi aprendendo e aprende sempre no processo da interação com as pessoas. O primeiro excerto abaixo se refere mais diretamente à aprendizagem do diálogo igualitário, da inteligência cultural e da igualdade de diferenças:

Eu comecei conduzindo uma tertúlia de literatura catalã, mas depois ingressei nessa de literatura universal, como participante. Então, aqui me dei conta de que a condução que eu fazia era muito magistral, eu não me punha em igualdade com os participantes e eles esperavam de mim que eu fosse a professora e eles as pessoas que aprendiam. Aqui aprendi que uma tertúlia literária dialógica não devia ser assim, pois ela é muito mais igualitária e todo mundo deve participar em igualdade de condições. Outra coisa que aprendi, e que é muito importante, foi escutar. Penso que ainda posso aprender mais a escutar, porque no diálogo, às vezes, a gente tem tão presente o que quer dizer, que não escuta atentamente o que o outro quer te dizer. Isso, para mim, é uma aprendizagem fundamental e quando vejo condutores ou participantes fazendo o contrário, sei que também já fiz muito e que a pessoa vai aprender a escutar, pois eu também aprendi. Com o passar do tempo, quando vou vendo como eu e os outros vamos aprendendo a escutar-nos mutuamente, admiro, pois é muito bonito. Sobre isso, o caso de um dos participantes desta tertúlia me faz refletir bastante sobre esse tema. Ele teve experiência na condução de processos sindicais e quando veio para a tertúlia, queria sempre impor o que pensava aos outros, pois se achava mais esclarecido. Com o passar do tempo, foi mudando; um dia me disse que entendeu que ninguém tem a verdade absoluta e que se deu conta de que a verdade se faz entre todos e que, às

vezes existem, duas ou mais visões que não coincidem e que não têm que coincidir. Isso que ele diz, eu também aprendi quando estava como participantes da tertúlia e foi o que mais me ajudou a entender o processo.

Nas palavras de Norma, nota-se nitidamente a distinção entre a visão relativista de diferença e o princípio de igualdade de diferenças:

A única coisa que se tem que ter em conta é que sejam respeitados critérios que já mencionei: que ninguém fale demais e monopolize a palavra, pois se tem que dar oportunidade para que todos falem; que escutemos muito uns aos outros; que não haja enfrentamentos por um tema, ainda que se pense de maneira distinta da outra pessoa, pois deve haver respeito e tolerância a diferentes idéias; que se respeitem sempre os critérios dos direitos humanos, e que não se tome posturas que não sejam coerentes com eles (é preciso, por exemplo, não aceitar informações preconceituosas que programas de TV trazem; então, entre todos refletimos sobre a notícia e nos damos conta de que as informações não são confiáveis); ou seja, nas tertúlias são trabalhados muitos valores, mesmo que isto não seja planejado, pois os temas vão aparecendo e nós vamos refletindo sobre eles sem perder de vista os direitos humanos.

Tomando-se a perspectiva dos participantes, os princípios da aprendizagem dialógica são expressos tanto nas palavras de Carmen, durante a entrevista, como nas dos demais, na avaliação do ano letivo feita no último encontro do grupo. Carmen participa da escola de La Verneda de Sant-Martí e das tertúlias da escola há mais de vinte anos (a escola, efetivamente, entende a educação como um direito a espaços culturais ao longo de toda a vida). Quando Carmen começou a freqüentar as tertúlias tinha um domínio bastante inicial de leitura e de escrita.

Carmen destaca a dimensão instrumental das tertúlias literárias como o motivo que a levou à atividade:

Eu procurei a tertúlia literária dialógica com a idéia de reforçar a escrita, porque como tinha que ler e comentar, eu pensei: 'se leio e comento me ajudará com várias coisas, como por exemplo, nos erros de ortografia'; a ortografia me preocupava e preocupa muito, porque é difícil corrigir tudo de uma vez (para mim pelo menos) e eu quero escrever bem. Comecei por isso e continuo porque gosto muito.

Atualmente, dá-se conta de que sua inserção nas tertúlias também vem ajudando a superar o medo de ler e falar em público, promovendo transformações pessoais importantes:

Bom, já nem me lembro de quantas oficinas fiz aqui na escola ... inglês e muitos mais, mas nunca deixei as tertúlias. Hoje, racionalizando, creio que além de gostar muito dos encontros, fui podendo ganhar coragem de falar em público, de ler em voz alta. Antes eu não conseguia, travava. Além disso, o tipo de literatura que lemos na tertúlia me encanta. Por isso nunca a deixei.

Na sessão de avaliação do semestre, em junho de 2002, os princípios da aprendizagem dialógica fizeram-se notar nas manifestações das e dos participantes da tertúlia literária dialógica, acompanhada na pesquisa de pós-doutorado.

Fermina, por exemplo, destacava a convivência respeitosa do grupo, onde cada um podia expressar seu pensamento, o que era diferente de outras tertúlias que

conhecia, nas quais participantes se confrontavam e se desqualificavam mutuamente – diálogo igualitário e igualdade de diferenças.

Luci comentava a alegria de estar cada segunda-feira com o grupo e que sua vida ganhava sentido e felicidade, pois antes estava isolada em casa e muito sozinha. Propunha que fizessem um encontro mais na semana – criação de sentido.

Pedro destacava com entusiasmo o quanto havia aprendido sobre história, geografia, e outras culturas discutindo os livros com as pessoas do grupo e consultando a internet e enciclopédias – dimensão instrumental.

Carlos indicava como a tertúlia era um espaço onde cada um podia ensinar muito aos outros, desde sua formação “na universidade da vida”. Lembra o espanto das alunas e alunos da Universidade de Barcelona, quando ele e alguns companheiros e companheiras das tertúlias estiveram ali explicando como se realizam as classes e discutindo *A Metamorfose*, de Kafka – inteligência cultural.

Shon falava da solidariedade com outras escolas e países para implantar tertúlias como estas, para que muito mais gente possa desfrutar de tal convívio e aprendizagem - solidariedade.

Juan lembrava o quanto havíamos refletido sobre a vida das mulheres em países árabes, mas que ainda tínhamos que nos comprometer mais com a busca de superação de injustiças – remetia-nos ao compromisso de transformação social, para além das transformações pessoais que vivíamos cada um ali e que se notava na felicidade dos nossos encontros.

De minha parte, participar das Tertúlias Literárias possibilitou-me vivenciar aprendizagens sobre a língua, sobre outras culturas, sobre minha cultura, sobre minha formação e sobre minha socialização. Também me ajudou a identificar os preconceitos que possuía com relação à idade e à escolaridade, principalmente, acreditando que pouco poderia aprender com pessoas idosas sobre conhecimento instrumental, por exemplo, e que essas pessoas estariam limitadas em suas aprendizagens. Aprendia dialogicamente com companheiras e companheiros da tertúlia, transformando minha perspectiva pessoal e profissional de atuação.

## Referências

BENTO, P. E. G.; BOGADO, A. M.; MELLO, R. R. de; RODRIGUES, E. P. Tertúlia Literária Dialógica: prática de leitura e descolonização do mundo da vida. In: **II Seminário de Leitura, Exclusão e Gênero**. 14<sup>º</sup> Congresso de Leitura do Brasil. Campinas, 2003.

ELBOJ SASO, C. **Comunidades de Aprendizaje** – un modelo de educación antirracista en la Sociedad de la Información. (Tesis doctoral). Programa de Doctorado: Estructura y Cambio Social. Departamento de Teoría Sociológica, Filosofía del Derecho e Metodología de las Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona, 2001.

FLECHA, R. **Compartiendo palabras**. Barcelona: Paidós, 1997.

MELLO, R. R. de. **Comunidades de Aprendizagem**: contribuições para a construção de alternativas para uma relação mais dialógica entre a escola e grupos de periferia urbana. Barcelona: Centro de Investigação Social e Educativa, Universidade de Barcelona, Relatório de Pós-Doutorado, 2002.

SANCHEZ AROUCA, Montse. La Verneda Sant Martí: a school where people dare to dream. In: **Harvard Educational Review**, vol. 69 n. 3, 1999.

VALLS Y CAROL, M. R. **Comunidades de Aprendizaje** – una práctica educativa de aprendizaje dialógico para la Sociedad de la Información. (Tesis doctoral). Programa de Doctorado: Pedagogía Social y Políticas Sociales. Departamento de Teoría y Historia de la Educación. Universidad de Barcelona, 2000.

